Cadernos de Língua e Literatura Hebraica
Universidade de São Paulo
ISSN 2317-8051 - No. 25 (2024)

"LAND ISRAEL" – UMA LEITURA DO PAPEL DA TERRA DE ISRAEL NA LÍRICA DE NELLY SACHS[1]

"LAND ISRAEL" – AN ANALYSIS OF THE ROLE OF THE LAND OF ISRAEL IN THE LYRIC POETRY OF NELLY SACHS

Beatriz de Souza Santos*

Resumo: Nelly Sachs (1891-1970), autora judia alemã que recebeu o prêmio Nobel de Literatura de 1966, é uma das mais importantes poetas de língua alemã do período pós-guerra. Como alguém que precisou se exilar por conta do antissemitismo, a poeta demonstrava contentamento com a fundação e o reconhecimento do Estado de Israel. Todavia, ela se distanciava de uma posição sionista que enxergasse no reconhecimento desse Estado a solução para os problemas do povo judeu. Em "Sternverdunkelung" [Escurecimento de Estrelas], livro publicado em 1949, há um ciclo com o título "Land Israel" [Terra de Israel], e também um poema de mesmo título. Segundo Nelly Sachs, o ciclo buscava "encontrar o sentido simbólico de pátria" (SACHS, 1984, p. 93). O poema "Land Israel" é construído a partir de referências à Bíblia e de tensões entre movimento e imobilidade, nação e exílio, passado e presente, material e imaterial, assim como estrangeiro e nativo. Israel excede no poema suas fronteiras geopolíticas e é medido por seu contato com o divino e por suas palavras, sua poesia. No artigo pretende-se, a partir da análise das tensões que o poema "Land Israel" apresenta, discutir os diferentes sentidos de "Land" na obra de Nelly Sachs.

Palavras-chave: Israel. Judaísmo. Poesia. Exílio.

Abstract: Nelly Sachs (1891-1970), a German Jewish author who won the Nobel Prize for Literature in 1966, is one of the most important German-language poets of the post-war period. As someone who had to go into exile because of anti-Semitism, the poet was pleased with the founding and recognition of the State of Israel. However, she distanced herself from a Zionist position that saw the recognition of this state as the solution to the problems of the Jewish people. In "Sternverdunkelung" [Darkening of Stars], a book published in 1949, there is a cycle entitled Land Israel, and also a poem with the same title. According to Nelly Sachs, the cycle sought to "find the symbolic meaning of homeland" (SACHS, 1984, p. 93). The poem "Land Israel" is built on references to the Bible and tensions between movement and immobility, nation and exile, past and present, material and immaterial, as well as foreigner and native. In the poem, Israel exceeds its geopolitical borders and is measured by its contact with the divine

[1] O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.
* Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. Mestranda em Língua e Literatura Alemã pela USP.
Email: <beatriz.souza.santos@usp.br>.

and by its words, its poetry. The aim of this article is to discuss the different meanings of "Land" in the work of Nelly Sachs, based on an analysis of the tensions presented by the poem "Land Israel".

Keywords: Israel. Judaism. Poetry. Exile.

Havia por parte de Nelly Sachs (1891-1970) uma relação ambígua com a formação e consolidação do Estado de Israel. Sua correspondência, especialmente com o amigo e autor também judeu Walter Berendsohn, fornece pistas para se compreender como Sachs enxergava o processo do reconhecimento de uma nação israelense. Nos meados e final da década de 1940 a autora demonstrava contentamento com o fato de haver agora um país para o qual os judeus sem lar pudessem ir e ao qual poderiam pertencer[2], todavia Sachs se distanciava de uma posição sionista[3] que enxergasse no reconhecimento desse Estado a solução para os problemas do povo judeu. Na verdade, a poeta se preocupava com um nacionalismo exacerbado, como escreve a Berendsohn em uma carta de março de 1948, pouco antes da fundação do Estado de Israel:

> Na terra de Israel, uma vez que o nacionalismo exacerbado causado pelo sofrimento desmedido se acalmar, e a fonte enterrada que conecta a ligação natural às regiões do universo começar a borbulhar novamente, as pessoas de lá, seja cidade ou país, construirão suas casas para Ele, como se constrói simplesmente em direção ao sol.[4] (SACHS, 1984, p. 90)[5]

Os problemas que cercaram (e cercam) a formação e manutenção do Estado de Israel não eram ignorados por Nelly Sachs. Em uma carta de 1957 a Walter Berendsohn a autora afirma que buscou dar em sua obra um papel central ao tema da edificação [Aufbauarbeit] de Israel[6]:

[2] Em uma carta a Walter Berendsohn de março de 1948, pouco antes da formação do Estado de Israel, ela escreve sobre "Erez Israel": "Herrlich ist es, auf der eigenen Erde ackern zu dürfen und ein schönes starkes und gesundes Volk zu werden." (SACHS, 1984, p. 92)
"É maravilhoso poder cultivar na própria terra e se tornar um povo forte e saudável."

[3] Em 1944, em uma de suas primeiras correspondências com Walter Berendsohn, após enviar-lhe alguns poemas que foram posteriormente publicados em *In den Wohnungen des Todes* (1948), Sachs escreve: "Ich bin keine Zionistin in dem Sinn, wie es jetzt aufgefaßt wird, ich glaube, daß unsere Heimat überall dort ist, wo die Quellen der Ewigkeit fließen." (SACHS, 1984, p. 41)
"Eu não sou uma sionista, como se define hoje, eu acredito que a nossa pátria está em todo lugar, no qual as fontes da eternidade fluem."

[4] Original: "Im Land Israel, wenn einst der gesteigerte Nationalismus, hervorgerufen durch die maßlosen Leiden, sich beruhigt hat, und der verschüttete Quell, der die natürliche Verbindung in die Regionen des Alls verbindet, wieder zu sprudeln beginnt, werden die Menchen vor dort ausgehend, ob Stadt, ob Land, ihre Häuser zu Ihm bauen, wie man einfach nach der Sonnenseite baut." (SACHS, 1984, p. 90)

[5] Todas as traduções apresentadas no artigo foram feitas pela autora, exceto quando indicado o nome do tradutor.

[6] Na carta Sachs usa o termo "Aufbauarbeiten" que pode ser traduzido em português como trabalhos de construção. O termo faz referência também ao livro publicado em 1953 por Berendsohn: *Aufbauarbeiten in Israel. Erlebnisse, Studien, Betrachtungen*.

> Como posso me expressar com desprezo, de um modo tão contrário a todo o meu ser, que tem o maior respeito pelo importante trabalho de reconstrução que está sendo realizado em Israel. Afinal de contas, tentei, à minha maneira, dar a esse tema um lugar central em meus poemas.[7] (SACHS, 1984, p. 175)

A carta é uma resposta da autora ao amigo sionista que lhe cobrava um posicionamento mais político quanto a Israel, visto que Berendsohn havia escrito à Sachs: "Mas quando você fala com um pouco de desprezo sobre o 'Primeiro Plano' no qual outros poetas estão presos, vejo isso como algo dolorosamente errado. Existe um outro mundo além do seu. A ele pertence o que acontece em Israel."[8] (ibid., p. 175).

Havia por parte de Sachs uma preocupação em discutir a construção de Israel em sua poesia, talvez de uma maneira diferente do que era esperado por Berendsohn, mas a discussão está presente em seus textos. Partindo da análise do poema "Land Israel" [Terra de Israel] pretende-se analisar como a autora confere à construção de Israel um papel central em sua obra e como ela responde ao fato de Israel ser a partir de 1948 um Estado reconhecido.

1. "Land Israel" – O papel da terra

"Land", assim como "terra" em português, é um termo abrangente na língua alemã: pode significar país, terra (em oposição a mar), terra no sentido de campo para cultivo, terreno ou interior, assim como os habitantes de determinado local[9]. São sentidos articulados de diferentes formas por Sachs em "Land Israel" [Terra de Israel], especialmente nos sentidos de país e campo. A autora, todavia, expande o sentido de *Land* e discute diversas facetas materiais e imateriais que compõem a "terra" de Israel.

[7] Original: "Wie kann ich mich verächtlich äußern, etwas was meinem ganzen Wesen so entgegen ist, die ich den größten Respekt habe vor dem, was in Israel an bedeutenden Aufbauarbeiten geschieht. Habe ich doch auf meine Weise versucht, in meinen Gedichten grade diesem Thema einen zentralen Platz zu geben [...]" (SACHS, 1984, p. 175)

[8] Original: "Aber wenn Du ein wenig verächtlich vom 'Vordergrund' sprichst, in dem andere Dichter steckenbleiben, empfinde ich es als schmerzlich falsch. Es gibt eine andere Welt als die deinige. Zu ihr gehört, was in Israel geschieht." (SACHS, 1984, p. 175)

[9] O *DUDEN* traz as definições da seguinte forma: "1. nicht mit Wasser bedeckter Teil der Erdoberfläche (besonders im Unterschied zum Meer, zu größeren Gewässern) [...] 2. nutzbares Stück Erdboden; bebautes, genutztes Gelände[...] 3. Ackerboden; nicht näher abgegrenztes Gebiet, Gelände; Landstrich, Gegend [...] 4. Gebiet außerhalb der städtischen Zivilisation, das besonders durch das Betreiben von Landwirtschaft geprägt ist; dörfliche Gegend.[...] 5.a politisch selbstständiges, von Grenzen umgebenes Gebiet; Staatsgebiet; Staat [...] 6. Gesamtheit der Bewohnerinnen und Bewohner eines Landes" (LAND, 2022)

Israel aparece nos escritos de Sachs desde *In den Wohnungen des Todes* [Nas moradas da morte], de 1948, mas a construção "Land Israel", que pode significar "Terra de Israel", "País Israel", aparece pela primeira vez em *Sternverdunkelung* [Escurecer de Estrelas], de 1949. Na coletânea, "Land Israel" [Terra de Israel] também intitula um ciclo. Sachs enviou alguns dos poemas de *Sternverdunkelung* [Escurecer de Estrelas], inclusive "Land Israel" [Terra de Israel], para Walter A. Berendsohn em março de 1948 e os introduziu da seguinte forma: "aus einem werdenden Zyklus, der versucht die symbolische Deutung der Heimat zu finden..." [de um ciclo ainda incompleto que busca encontrar o sentido simbólico da pátria/do lar] (SACHS, 1984, p. 93).

O comentário da autora sobre os poemas dialoga com o que Lagerkrantz escreveu sobre a temática de Israel na obra de Sachs; para o estudioso há dois "Israel" no livro:

> Na segunda coleção de poemas de 1949 [...] há dois Israel. Por um lado, o povo escolhido, em última estância patriarcas e profetas, que procuram romper os horizontes do tempo e do espaço. Por outro lado, o Estado de Israel, que agora está surgindo. Um ciclo de poemas recebeu o título de Terra de Israel. Eles descrevem como o povo judeu, 'queimado pela morte', volta para casa depois de longas andanças. (LAGERKRANTZ, 1967, p. 44)[10]

O poema de abertura, "Land Israel" [Terra de Israel], apresenta essa dualidade: seu título evoca o Estado de Israel, mas ao longo do texto o Israel político e geográfico se mistura com o Israel bíblico e com o povo judeu sobrevivente da Shoah. O texto se fundamenta em tensões: movimento é contrastado com permanência, passado é contrastado com presente, material se opõe ao imaterial, assim como estrangeiro ao nativo.

LAND ISRAEL,
deine Weite, ausgemessen einst
von deinen, den Horizont übersteigenden Heiligen.
Deine Morgenluft besprochen von den Erstlingen Gottes,
deine Berge, deine Büsche
aufgegangen im Flammenatem
des furchtbar nahegerückten Geheimnisses.

Land Israel,
erwählte Sternenstätte
für den himmlischen Kuß!

Land Israel,

[10] Original: "In der zweiten Gedichtsammlung [*Sternverdunkelung*] 1949 [...] gibt es zwei Israel. Auf der einen Seite das auserwählte Volk, an der Spitze die Patriarchen und Propheten, das die Horizonte von Zeit und Raum zu durchbrechen sucht. Auf der anderen Seite der Staat Israel, der jetzt entsteht. Ein Zyklus von Gedichten erhielt als Überschrift Land Israel. Sie schildern, wie das jüdische Volk, 'angebrannt vom Sterben' nach langen Wanderungen heimkommt." (LAGERKRANTZ, 1967, p. 44)

nun wo dein vom Sterben angebranntes Volk
einzieht in deine Täler
und alle Echos den Erzvätersegen rufen
für die Rückkehrer,
ihnen kündend, wo im schattenlosen Licht
Elia mit dem Landmanne ging zusammen am Pfluge,
der Ysop im Garten wuchs
und schon an der Mauer des Paradieses –
wo die schmale Gasse gelaufen zwischen Hier und Dort
da, wo Er gab und nahm als Nachbar
und der Tod keines Erntewagens bedurfte.

Land Israel,
nun wo dein Volk,
aus den Weltenecken verweint heimkommt
um die Psalmen Davids neu zu schreiben in deinen Sand
und das Feierabendwort Vollbracht
am Abend seiner Ernte singt –

steht vielleicht schon eine neue Ruth
in Armut ihre Lese haltend
am Scheidewege ihrer Wanderschaft
(SACHS, 1988, p. 126)

TERRA DE ISRAEL
tua extensão, outrora medida
Por teus santos, que transcendem o horizonte
teu ar matutino invocado pelos primogênitos de Deus
tuas montanhas, teus arbustos,
erguidos no sopro flamejante
Do terrível segredo que se aproximou

Terra de Israel
Cidade de Estrelas escolhida
Para o beijo celestial!

Terra de Israel
Agora que teu povo queimado pela morte
Adentra em teus vales
e todos os ecos chamam as bençãos dos patriarcas
para os que retornam
anunciando-lhes, onde em luz sem sombras
Elias foi juntamente com o agricultor no arado
que cultiva hissopo no jardim
e já no muro do Paraíso –
onde a estreita ruela percorrida entre aqui e lá
lá, onde Ele dava e tomava como vizinho
E a morte não precisava de um carro de colheita

Terra de Israel,
agora, onde teu povo
retorna chorando dos cantos do mundo
para reescrever os salmos de Davi em tua areia
e canta a palavra final consumado

na noite de sua colheita -

está talvez uma nova Rute
segurando na pobreza sua colheita
na encruzilhada de sua peregrinação

O poema se abre com "Land Israel" [Terra de Israel] que se repete quatro vezes no texto, e com imagens relacionadas à dimensão espacial de Israel: vastidão, montanhas, arbustos. A vastidão de Israel, porém, foi medida por seus santos (v. 2 e 3). Esses santos, aliás, transcendem o horizonte (v. 3), a dimensão espacial. Há uma busca pelo rompimento do tempo e do espaço (cf. LAGERKRANTZ, 1967, p. 44). Ao mesmo tempo que as imagens se conectam ao Israel-terra, o poema aponta para sua dimensão espiritual e para a dimensão do povo.[11]

No poema, a relação entre os aspectos espaciais e espirituais de Israel são elaborados continuamente. No verso seguinte há um ar da manhã que é invocado pelos primogênitos de Deus. O ar matutino evoca frescor e o recomeço de um novo dia. Referindo-se a filhos, "primogênitos" também aponta para recomeço, como o ar matutino, assim como para continuidade. Os primogênitos de Deus parecem se relacionar com os santos do verso 3. O povo de Israel é chamado de primogênito de Deus em Êxodo 4:22, e em Êxodo 13, ao cair a última praga, Deus exige que os primogênitos (não somente humanos, como animais também) lhe sejam separados como sinal de que a praga da morte dos primeiros filhos não cairia sobre os hebreus. Ser primogênito é ser separado, consagrado. No poema, o ar que sopra sobre a Terra de Israel, que lhe traz o frescor de um recomeço, aponta para a consagração e proteção do Deus que os tirou da terra do Egito.

Nos versos 5 a 7 a relação com Deus continua a ser abordada. As montanhas e os arbustos levantam-se no sopro flamejante de um terrível mistério. Um arbusto flamejante remete imediatamente à narrativa do chamado de Moisés em Êxodo 3, assim como a montanha remete ao monte Sinai "como uma fornalha viva" no relato da entrega das tábuas dos Dez Mandamentos ao profeta (Ex 19:18 KJA)[12]. No primeiro, Moisés é chamado para voltar ao

[11] Em seu *Israel, uma História*, Anita Shapira destaca a ligação entre espiritualidade e geografia no início do movimento sionista no final do século XIX: "Pinsker – e mais tarde Herzl – mencionou a Palestina mas não a sugeriu como único local possível para o Estado judeu. Entretanto, a partir do momento em que tomou forma, a ideia conectou-se à mente das multidões judaicas com um só país: a Terra de Israel com a qual sonharam e pela qual rezaram, mesmo que não tenham tentado voltar e nela estabelecer-se. A ideia do retorno à pátria era intrínseca à ideologia sionista [...]" (SHAPIRA, 2018, p. 21) Não se tratava mais de encontrar um país para que os judeus se tornassem uma nação independente, mas de retornar a Jerusalém, na qual ficava o templo, ao Israel prometido a Abraão, Isaque, Jacó e ao povo hebreu que fora liberto da servidão no Egito. O local no qual se formaria a nação está ligado à promessa divina.

[12] Uma observação de Gelber sobre o texto hebraico é interessante também para a aproximação desses dois episódios, como no poema. "Em hebraico a palavra para sarça 'Sneh' é próxima linguisticamente de 'Sinai'. A

Egito, libertar o povo e guiá-lo à Terra Prometida: Israel. No segundo, o povo está a caminho da Terra Prometida e no Sinai recebe a Lei de Deus, segundo Gelber: "[...] O Monte Sinai, a montanha de Deus, onde Deus deu ao povo judeu sua Torá, ou seja, a lei com seus mandamentos, onde Deus confirmou seu relacionamento especial com o povo judeu escolhido através de sua revelação."[13] (GELBER, 1994, p. 174). Nos dois relatos, Deus se revela a Moisés como um mistério assombroso, pois não pode ser contemplado e se apresenta sem dizer um nome, apenas cercado de fogo e trovões. Segundo Hercenberg, o episódio do Sinai aponta para a revelação e os limites do conhecimento de Deus:

> O que a Revelação sinaítica ensina é que a consciência do limite está no centro do processo do conhecimento. É como o muro médio e a porta de acesso do saber. "E limitarás o povo em torno [do monte]" ordena Deus a Moisés. [...] A Revelação do Sinai tem por base a autolimitação. Na verdade, não há conhecimento possível sem a passagem por um jogo de limites que não funciona unicamente em sentido negativo, mas também como abertura. Traçar o limite de um conhecimento não remete apenas ao seu caráter restrito, mas também àquilo que o ultrapassa, a algo diverso que, contrariamente ao que está aquém dele, vai até o infinito, até um além do saber tal qual ele se apresenta hoje. (HERCENBERG, 1996, p. 48 s.)

Os mesmos comentários sobre os limites do conhecimento podem ser aplicados ao episódio da sarça ardente: ao mesmo tempo que se revela, Deus se oculta e traça o limite para aquilo que o homem pode conhecer sobre Ele, como um terrível mistério (v. 7). A dualidade de revelação e ocultamento se evidencia também em *nahegerückt*, que traz o sentido de algo que se aproximou. Trata-se de um mistério próximo.

Retomando o poema, tanto o chamado de Moisés quanto a entrega dos dez mandamentos no Monte Sinai (verso 5) referem-se à eleição do povo de Israel, que é abordada nos versos seguintes (v. 8-10). A eleição de Israel, *erwählte Sternenstätte* [cidade de estrelas escolhida], é para o encontro com Deus, o "beijo celestial" do verso 10, o que remete ao poema "Jakob" [Jacó], também de *Sternverdunkelung* [Escurecer de Estrelas], no qual Jacó é descrito como "torcido para Deus" [zur Gott verrenkt] (SACHS, 1988, p. 90). "Cidade de estrelas escolhida" inclui uma imagem recorrente na poesia de Sachs, *"*estrela". Ela aparece como algo revelador,

Tradição ensina que o anexo da letra Jod em 'Sneh' compõe a palavra 'Sinai': Jod tem o valor numérico de 10, o que também remete ao decálogo[...]" (GELBER, 1994, p. 174)
Original: "Im Hebräischen ist das Wort für den Dornenbusch ‚Sneh' mit ‚Sinai' linguistisch verwandt. Die Tradition lehrt, dass das Hinzufügen des Buchstabens Jod zu ‚Sneh' das Wort ‚Sinai' ergibt: Jod besitzt den nummerischen Wert von 10, was auch an den Zehn Gebote des Dekalogs erinnert[...]" (GELBER, 1994, p. 174)

[13] Original: "[...] Sinaiberg, den Berg Gottes, wo Gott dem jüdischen Volk seine Torah, d.h. das Gesetz mit seinen Geboten gegeben hat, wo Gott durch seine Offenbarung sein besonderes Verhältnis zu dem auserwählten jüdischen Volk bestätigte." (GELBER, 1994, p. 174)

como em "Daniel mit der Sternzeichnung" [Daniel com o desenho de estrelas], no qual há referência ao profeta Daniel como aquele que interpreta sonhos. Por vezes "estrela" aparece como uma marca da memória da Shoah, como no poema "Chor der Sterne" [Coro das Estrelas][14], de *In den Wohnungen des Todes* [Nas moradas da morte], ou em "Hiob"[Jó][15]. Este poema, aliás, se encontra no mesmo livro do poema "Land Israel" [Terra de Israel], *Sternverdunkelung* [Escurecer de Estrelas], e é um poema central na obra. No capítulo 3 do livro de Jó, ao amaldiçoar o dia de seu nascimento, a personagem invoca um "crepúsculo estelar"[16], ou seja, a imagem que dá título ao livro de Sachs: O escurecer de estrelas ou o eclipse estelar. No contexto no qual a imagem aparece, o escurecimento de estrelas representa um momento de ausência de luz. Sendo a "cidade de estrelas escolhida" em "Land Israel" [Terra de Israel], Israel seria um local de Revelação e no qual sempre há luz, o que se confirma mais à frente no poema, no verso 16: "ihnen kündend, wo im schattenlosen Licht" [anunciando-lhes, onde em luz sem sombras].

Nesse primeiro trecho do poema, composto por essas duas estrofes, estabelece-se uma relação intrínseca e complementar entre as dimensões espaciais e espirituais de Israel. Sua extensão, suas montanhas, seus arbustos e sua localização (cidade de estrelas escolhida, no verso 9) surgem atrelados ao divino, à relação de Israel com Deus, sendo seu primogênito, e Sua Revelação misteriosa, que aproxima ao mesmo tempo que limita o conhecimento do divino.

2. Onde fica Israel?

Na estrofe seguinte aparece pela primeira vez um "onde" [wo]. As referências à dimensão espacial de Israel acrescem-se de imagens relacionadas ao campo e à agricultura (agricultor, arado, carro de colheita, cultivo). Introduz-se nesses versos o "povo" [Volk] no verso 12, que é um povo queimado. A ênfase recai sobre a colheita, que pode ser tanto uma colheita comum como a da morte, e sobre aqueles que compõem a "Terra de Israel".

[14] Nos versos 29 a 32 "Erde, o Erde/ Stern aller Sterne/ Einmal wird ein Sternbild Spiegel heißen./Dann o Blinde wirst du wieder sehn!" [Terra, ó Terra/ Estrela de todas as estrelas/ Um dia tua constelação se chamará espelho./ Então, ó cega verás novamente!"]

[15] Nos versos 13 e 14 "Aber einmal wird das Sternbild deines Blutes,/ alle aufgehenden Sonnen erbleichen lassen" [mas, um dia, a constelação de seu sangue empalidecerá todos os sóis nascentes] (SACHS, 1988, p. 95).

[16]"Escureçam-se as estrelas do seu crepúsculo; que espere a luz, e não venha; e não veja as pestanas dos olhos da alva!" (Jó 3:9 ARA) ou em alemão: "Ihre Sterne müssen finster sein in ihrer Dämmerung; sie hoffe aufs Licht, und es komme nicht, und müsse nicht sehen die Wimpern der Morgenröte," (Jó 3:9 Lutherbibel).

Land Israel,
nun wo dein vom Sterben angebranntes Volk
einzieht in deine Täler
und alle Echos den Erzvätersegen rufen
für die Rückkehrer,
ihnen kündend, wo im schattenlosen Licht
Elia mit dem Landmanne ging zusammen am Pfluge,
der Ysop im Garten wuchs
und schon an der Mauer des Paradieses –
wo die schmale Gasse gelaufen zwischen Hier und Dort
da, wo Er gab und nahm als Nachbar
und der Tod keines Erntewagens bedurfte.
(SACHS, 1988, p. 126)

Terra de Israel
Agora que teu povo queimado pela morte
Adentra em teus vales
e todos os ecos chamam as bençãos dos patriarcas
para os que retornam
anunciando-lhes, onde em luz sem sombras
Elias foi juntamente com o agricultor no arado
que cultiva hissopo no jardim
e já no muro do Paraíso –
onde a estreita ruela percorrida entre aqui e lá
lá, onde Ele dava e tomava como vizinho
E a morte não precisava de um carro de colheita

No trecho, a terra de Israel é descrita a partir de quatro frases relativas com “wo” [onde]: a primeira do verso 12 ao 16, a segunda do verso 16 ao 19, a terceira no verso 20 e a última do verso 21 ao 22. Na primeira frase relativa, esse povo que entra nos vales de Israel é um povo queimado pela morte (verso 12). A imagem do fogo permanece, mas não mais em relação às montanhas e aos arbustos (v. 5 e 6), senão ao povo. Tal imagem nubla as fronteiras entre denotação e conotação, visto que de fato esse povo foi marcado pelos fornos crematórios dos campos de concentração.

A Shoah marca os sobreviventes, o tempo presente é extremamente afetado pelo passado recente da guerra. Os tempos verbais se misturam. No segundo verso do poema tratava-se de outrora [einst] e torna-se no verso doze agora, afinal [nun]. Os verbos apontavam no primeiro trecho para o passado, pelo uso do *Präteritum* e dos particípios *aufgegangen* [erguido], *ausgemessen* [medido] e *nahegerückt* [aproximado]. Já nos versos 13 e 14 aparecem verbos no presente: *einzieht* [adentra] e *rufen* [chamam]. O presente do poema é marcado por seu passado imediato, o extermínio dos judeus.

> Uma conexão entre a Shoah e o retorno ou a fundação do Estado (respectivamente a edificação de uma pátria) também presumido nesses

> poemas, pois os sobreviventes da Shoah têm um papel fundamental nos poemas nesse processo histórico. (GELBER, 1994, p. 176)[17]

A benção dos patriarcas é pedida para os sobreviventes. Aqueles que retornam à Terra Prometida ("Rückkehrer", no verso 15) devem ser abençoados pelos ecos das bênçãos dos patriarcas (verso 14). Abraão recebeu uma bênção direta de Deus: herdar a Terra Prometida, ser o pai de uma grande nação e abençoar todas as famílias da Terra (Gn 12). Tal bênção é repetida a Isaque (Gn 26:2-5). No caso de Jacó, ele recebe a benção da primogenitura (Gn 27) por parte de seu pai, assim como as bênçãos de Deus da mudança do nome (Gn 32) e da descendência e da terra (Gn 35), tais quais prometidas a seu pai e a seu avô. Além de abençoado, Jacó abençoa seus filhos antes de morrer (Gn 49). A bênção dos patriarcas, portanto, refere-se sobretudo ao chamado de Deus para compor um povo e à terra que esse povo habitaria. No poema, o retorno para Israel se dá pela súplica ecoada por essa benção e é de dimensão espiritual. Os ecos também anunciam [künden] algo aos que retornam (v. 16), mas não é apresentado no poema o que é anunciado; falta na sentença o complemento acusativo, a próxima frase relativa quebra a continuidade da oração. O verbo *kündend* [anunciando] aparece no verso na forma de Partizip I, o particípio presente que indica uma ação contínua. Por meio dos verbos e desses ecos, que são o resquício de algo que já aconteceu, o passado e o presente se misturam mais uma vez dentro do texto. Segundo Bahr:

> Estes versos não sugerem um idealismo pioneiro ingênuo, mas um cumprimento ritual da promessa; o passado bíblico deve ser presentificado em ações cotidianas. Assim diz o poema para as "Mulheres e Meninas de Israel": 'Na cozinha vocês assam bolos da Sarah'. (BAHR, 1980, p. 110)[18]

A presentificação continua a ser desenvolvida na frase relativa seguinte, por meio da citação do chamado de Eliseu em I Reis 19:19. No texto bíblico, Eliseu é chamado por Elias enquanto ara um campo, tal qual descrito no poema. É interessante destacar que antes de chamar seu sucessor, Elias é convocado por Deus para voltar a Israel, pois estava fugindo da rainha Jezabel (I Rs 19), ou seja, ele também é um *Rückkehrer*. O arado é especificado no poema: trata-se de um campo "que cresce o hissopo no jardim" (verso 18), uma planta muito citada na

[17] Original: "Eine Verbindung zwischen der Schoah und der Rückkehr oder der Staatsgründung (bzw. dem Errichten einer Heimstätte) wird aber auch in diesen Gedichten vermutet, denn die Schoah-Überlebenden spielen in den Gedichten eine wesentliche Rolle in diesem geschichtlichen Prozeß." (GELBER, 1994, p. 176)

[18] Original: "Aber aus diesen Versen ist nicht auf einen naiven Pionieridealismus zu schließen, sondern auf rituelle Erfüllung der Verheißung; Die biblische Vergangenheit soll in den alltäglichen Handlungen vergegenwätigt werden. So heißt es in dem Gedicht an die ‚Frauen und Mädchen Israels': ‚In der Küche backt ihr Kuchen der Sara'." (BAHR, 1980, p. 110)

Bíblia. A planta era utilizada para alguns dos rituais de purificação do povo (Lv 14; Nm 19), é citada em um dos Salmos de Davi como metáfora para pureza (Sl 51), em João 19 é apontada como ramo usado pelos soldados para levar a esponja com vinagre até a boca de Jesus e foi também a planta utilizada pelos hebreus para aspergir o sangue como sinal na noite da última praga que caiu sobre o Egito, a morte dos primogênitos (Êx 12:22). O hissopo pode ser lido aqui como uma metáfora para a purificação. O trecho parece, porém, se referir de maneira mais direta a uma passagem de I Reis 4, na qual o reinado de Salomão e seus feitos são descritos, inclusive o fato de ter escrito provérbios e cânticos.[19]

O hissopo é um dos elementos sobre os quais Salomão "falou", ou na tradução da Lutherbibel 2017 *dichtete*, da mesma raiz de *Dichtung*, palavra que pode significar, entre outras coisas, poesia. Aqui o hissopo cresce na parede, ou *an der Mauer* em algumas traduções do alemão (I Rs 4:33 Ebelfelder 1905; I Rs 5:13 Einheitsübersetzung e Die Schrift), assim como no poema. A relação entre imagens agrícolas e a escrita aparece em outros momentos do poema e será abordada posteriormente na análise. Sobre o muro, no poema não se trata de qualquer muro ou parede, mas do muro do paraíso (verso 19). O verso termina em suspensão, com um travessão. O leitor espera um verbo que conclua a oração "und schon an der Mauer des Paradieses – "ou em português "e já no muro do paraíso –", há uma elipse, o verbo é substituído por um travessão. Pode-se deduzir que o verbo é o mesmo da oração anterior "crescer" [wachsen], ainda assim há um efeito de suspensão, como se o hissopo percorresse o jardim e subisse o muro do paraíso, mas não fosse mais adiante. A junção de jardim e paraíso remete ao Éden e à ideia de retorno à pátria citado por Shapira (cf. 2018, p. 21) como marca do sionismo, mas mais do que retorno à pátria, um retorno ao paraíso. No poema, porém, o acesso ao paraíso parece impossível, impedido pelo muro que o cerca e separa. Mesmo por meio da palavra tal acesso é impossível, pois o verso termina em suspensão. O travessão no final do verso pode além da suspensão evocar uma interrupção brusca e no contexto do verso até mesmo um pesar, como se Elias e o agricultor estivessem às portas do paraíso, mas não pudessem entrar.

Seguindo o poema, Israel se localizaria em um ponto limítrofe. A terceira frase relativa traz uma preposição recorrente nos poemas de Sachs, "entre", que pode aparecer em sentido temporal ou local, como é o caso aqui: "wo die schmale Gasse gelaufen zwischen hier und dort" [onde a estreita ruela percorrida entre o aqui e o lá], verso 20. A Terra de Israel se localiza no

[19] "E disse três mil provérbios, e foram os seus cânticos mil e cinco. Também falou das árvores, desde o cedro que está no Líbano até ao hissopo que nasce na parede; também falou dos animais, e das aves, e dos répteis, e dos peixes. E vinham de todos os povos a ouvir a sabedoria de Salomão e de todos os reis da terra que tinham ouvido da sua sabedoria." (1 Re 4:32-34 ARC)

limite, na linha tênue representada pela metáfora da "estreita ruela". Sua poesia se relaciona também com esse lugar de Israel: em uma carta de 1948 (ano que antecedeu a publicação de *Sternverdunkelung*) a Walter Berendsohn, Sachs relaciona Israel diretamente com suas palavras, posicionando ambos nesse "entre": "Eu sei que minhas palavras com frequência estão ali, onde a praia termina e o incerto começa; mas não é ali que Israel permanece hoje e sempre?"[20] (SACHS, 1984, p. 99). No poema o "entre" é explicado na frase relativa seguinte (a última do trecho), nos versos 21 e 22: "da, wo Er gab und nahm als Nachbar/ und der Tod keines Erntewagens bedurfte." [lá, onde Ele como vizinho dava e tomava/ e a morte não precisava de um carro de colheita.]. O "Er" [Ele] grafado com letra maiúscula pode se referir a Deus no trecho, que se apresenta como vizinho, dando e tomando algo. Falta, porém, na frase o objeto direto, o que era dado e tomado? O verso seguinte parece trazer uma solução. A metáfora da morte carregando um carro de colheita, remete o leitor à Shoah e à "produção" de milhões de mortos. Os verbos no final do trecho estão no *Präteritum*, as ações descritas estão no passado. A realidade desse passado contrasta com a realidade, na qual há a colheita da morte. Talvez o objeto direto dos verbos "dar" e "tomar" seja a vida, sendo Deus, "Ele", aquele que pode (ou podia antes da Shoah) concedê-la e tomá-la. Na Terra de Israel [Land Israel] a vida seguiria seu curso natural, seria o lugar onde a vida era dada e tomada por Ele. Olof Lagerkrantz enxerga na imagem da morte uma ambivalência que parece surgir também em "Land Israel" [Terra de Israel]:

> O homem tem o direito à sua própria morte, pois, conforme ela (Nelly Sachs) acredita, mesmo na morte encontra-se a vida e uma busca contínua. Em um poema sobre a morte de crianças nas câmaras de gás é dito sobre os guardas que eles tensionam a "morte falsa" nos músculos de suas mãos. Isso não significa que a morte seja errada, mas que a morte por meio do gás é incorreta. Sobre os idosos assassinados, diz-se que eles são privados de sua "morte real".[21] (LAGERKRANTZ, 1967, p. 51)

É como se nos versos 21 e 22 houvesse para Israel a esperança do retorno das verdadeiras horas da morte, que lhe foram roubadas, em oposição à morte falsa dos campos de

[20] Original: "Ich weiß, daß meine Worte oft dort stehen, wo der Strand zu Ende ist und das Ungesicherte beginnt; aber steht Israel nicht jetzt und immer dort?" (SACHS, 1984, p. 99)

[21] Original: "Der Mensch hat das Recht auf seinen eigenen Tod, denn, so meint sie (Nelly Sachs), noch im Sterben findet man Leben und ein fortgesetztes Suchen. In einem Gedicht über den Tod der Kinder in den Gaskammern heißt es von den Wärterinnen, daß sie in ihre Handmuskeln den 'falschen Tod' spannen. Damit ist nicht gemeint, daß der Tod falsch ist, sondern daß die Vergasung ein *unrichtiger* Tod ist. Von den Greisen, die ermordet werden, heißt es, daß sie ihrer 'echten Todesstuden' beraubt werden." (LAGERKRANTZ, 1967, p. 51)

concentração.[22] O verso 19 tem aqui também seu sentido ampliado, pois após os horrores da Shoah a materialização do paraíso está separada por um muro, inalcançável mesmo por meio das palavras.

No trecho, o passado imediato é evocado. Escrever em 1949 que o povo de Israel adentra sua terra queimado pela morte é referir-se a Auschwitz como uma marca que aqueles que estão construindo Israel carregam. Esse não é, porém, o único passado que constitui esse povo, visto que o eco das bençãos patriarcais os chamam, de modo que a dimensão espiritual é retomada e soma-se a ela a dimensão do campo, unificadas especialmente no verso 17 nas imagens de Elias e do agricultor.

3. A colheita e a escrita

No trecho seguinte, o povo [Volk] de Israel é apresentado em sua relação com a colheita e com a arte, a poesia e a música. A tensão entre permanência e movimento é retomada, por meio da relação entre a escrita e a peregrinação. Há novamente um "onde" e um retorno do povo, que é adjetivado mais uma vez a partir de uma imagem que evoca sofrimento: *verweint* [chorando].

Land Israel,
nun wo dein Volk,
aus den Weltenecken verweint heimkommt
um die Psalmen Davids neu zu schreiben in deinen Sand
und das Feierabendwort Vollbracht
am Abend seiner Ernte singt –
(SACHS, 1988, p. 126)

[22] A morte verdadeira para Sachs surge como algo misterioso e com potência transformadora, como discutido por Fenner: "A morte natural ao final de uma vida não é só apresentada como "verdadeira" por ela (Nelly Sachs) em oposição à morte "falsa". No ciclo "Im Geheimnis" de *Sternverdunkelung* e nas "Elegien auf den Tod meiner Mutter" e em suas publicações posteriores uma instância linguística em maior parte autodiegética observa ou lamenta a morte da própria mãe. Por mais que essa experiência seja dolorosa para o enlutado, a morte não é apresentada como uma ameaça. Com relação à mãe que está morrendo, é enfatizado o "segredo" que ela agora saboreava ou conhecia. Sua morte, como uma transição para um estado do além, é retratada como redenção ou transformação." (FENNER, 2015, p. 344)
"Der natürliche Tod am Ende eines Lebens wird von ihr (Nelly Sachs) nicht nur in der Gegenüberstellung mit dem 'falschen' Tod als 'richtig' dargestellt. Im Zyklus „Im Geheimnis" aus *Sternverdunkelung* und in den 'Elegien auf den Tod meiner Mutter' beziehungsweise deren späteren Veröffentlichungen beobachtet oder beklagt eine meist autodiegetische Sprechinstanz das Sterben der eigenen Mutter. So schmerzhaft diese Erfahrung für die Trauernde sein mag, so wenig wird der Tod hier als bedrohlich dargestellt. Mit Blick auf die sterbende Mutter wird vielmehr das 'Geheimnis' betont, das diese nun koste beziehungsweise kenne. Ihr Tod als Übergang in einen jenseitigen Zustand wird als Erlösung oder Verwandlung dargestellt." (FENNER, 2015, p. 344)

Terra de Israel,
agora, onde seu povo
retorna chorando dos cantos do mundo
para reescrever os salmos de Davi em tua areia
e canta a palavra final consumado
na noite de sua colheita -

Os versos estabelecem uma relação entre o retorno do povo e o sofrimento. O povo de Israel retorna para a casa [heimkommt] dos cantos do mundo, referência à diáspora judaica. O tempo aqui também é agora [nun] e os verbos estão todos no presente. A volta é marcada por lágrimas, pois o povo retorna choroso, *verweint* (verso 25), traduzido como "chorando", mas pode significar tanto passar tempo chorando quanto as consequências do choro: ficar vermelho, inchado[23]. Ou seja, a diáspora ou o retorno (aqui há uma ambiguidade no texto) não são lidos como algo positivo no verso, pois causam sofrimento, choro.

Há um propósito no retorno: reescrever na areia de Israel os salmos de Davi, apresentado por Sachs no poema "David" como "pai dos poetas" (cf. SACHS, 1988, p. 104). Os Salmos fazem parte da esfera sagrada e do repertório literário da cultura judaica e também da *Weltliteratur*. Bach e Galle em seu *Deutsche Psalmendichtung vom 16. bis zum 20. Jahrhundert* classificam os Salmos em 4 gêneros principais: hinos [Hymnen], canções de gratidão [Danklieder], canções de lamento [Klanglieder] e gêneros especiais [Sondergattungen], que englobam, entre outros, salmos litúrgicos [liturgische Psalmen] e de sabedoria [Weisheitpsalmen] (cf. BACH e GALLE, 1989, p. 28 s.). Os salmos, portanto, além de sua função litúrgica, também trazem a memória do exílio, dos feitos de Deus por Israel e expressam lamento e sofrimento, como será o caso dos novos salmos daqueles que retornam no poema para casa depois de chorar (v. 25). Em uma carta de 1948 a Walter Berendsohn, Sachs escreve: "Não pode haver dúvidas: a arte que chamamos de arte nativa se desenvolverá a partir do solo da Palestina, Erez Israel encontrará sua própria expressão." (SACHS, 1984, p. 91)[24] A restauração de Israel como nação não se dá só no âmbito geográfico e espiritual, mas também artístico, de acordo com Sachs.

A importância da arte, especificamente da literatura no contexto da manutenção de uma identidade judaica na diáspora foi discutida e estudada por diversos pensadores. Kilcher (2016) levanta os conceitos de diáspora no pensamento judaico a partir do século 19 e apresenta como

[23] No *DUDEN* o verbo é definido da seguinte forma: „a. weinend zubringen[...] b. durch Weinen rot werden, verschwollen erscheinen lassen." (VERWEINEN, 2022)
[24] Original: "Es kann keine Frage sein: es wird sich aus dem Boden Palästinas die Kunst entwickeln, die wir die bodenständige nennen, Erez Israel wird seinen eigenen Ausdruck finden." (SACHS, 1984, p. 91)

a escrita, a literatura passa a ser vista por alguns autores, como Heine[25] e Feuchtwanger (já no século 20), como elemento fundamental para o povo judeu. "A literatura judaica se torna dessa forma protótipo estético de uma Modernidade europeia cosmopolita, enquanto já concretiza a substituição da terra pela escrita."[26] (KILCHER, 2016, p. 146). A literatura ocupa posição central na diáspora judaica, tornando-se seu lugar de origem e pertencimento. No poema, a finalidade do retorno é a escrita de novos salmos, o que é apontado pelo uso da Oração subordinada final [Finalsatz] com "um...zu". O objetivo do retorno não é a construção de uma nação ou de um Estado, mas a poesia.

Os salmos, porém, são escritos na areia (verso 26), elemento de inconstância, altamente alterável.

> Também é profetizada nova poesia: com a frase 'para escrever novamente os Salmos de David em sua areia', é prometida nova criatividade, bem como sua transitoriedade. Ao mesmo tempo, o poema comenta sobre si mesmo com esta declaração teleológica. (MÜLLER, 2000, p. 56)[27]

Traça-se assim uma tensão entre memória e impermanência, continuidade e transitoriedade, presença e ausência. Há um aspecto poetológico no verso. A duração da poesia, sua longevidade não é evocada no texto, pelo contrário, objetiva-se que a poesia seja efêmera e transitória, sujeita a intempéries que a alterem. Sendo os salmos louvores, lamentos e também textos que narram a história dos antepassados, escrevê-los na areia é atestar sua impossibilidade de permanência. Desse modo, o poema se aproxima ao mesmo tempo que se afasta da ideia de uma substituição da terra pelo texto (cf. KILCHER, 2016, p. 146), pois apesar de ser o objetivo do retorno, a reescrita dos salmos se dá na areia, de modo que exige que esses textos sejam permanentemente reescritos. Retornar para o lar ("heimkommen", verso 25) não é garantir estabilidade, pelo contrário, é garantir a transitoriedade com a escrita dos salmos na areia.

[25] "Heine faz da antiga substituição da terra e do templo pelo livro a cena originadora de uma nova diáspora na modernidade, que, com o livro, sustentou uma grandeza extraterritorial, metafórica e literária para o Estado da Restauração. Se o local de pertencimento judaico não é um território, mas um texto, então não é mais somente a Bíblia, mas a literatura em geral no sentido moderno." (KILCHER, 2016, p. 137 s.)
"Heine macht die antike Substitution von Land und Tempel durch das Buch zur Urszene einer neuen Diaspora in der Moderne, die mit dem Buch eine exterritoriale, metaphorische und literarische Größe dem Staat der Restauration entgegenhielt. Wenn der jüdische Bürgerort dabei kein Territorium, sondern ein Text ist, dann nicht mehr nur die Bibel, sondern die Literatur überhaupt im modernen Sinn." (KILCHER, 2016, p. 137 s.)
[26] Original: "Die jüdische Literatur wird damit zum ästhetischen Prototyp einer europäischkosmopolitischen Moderne, indem sie die Substitution von Land durch Schrift immer schon vollzieht." (KILCHER, 2016, p. 146)
[27] Original: "Auch neue Dichtung wird prophezeit: mit der Formulierung 'die Psalmen Davids neu zu schreiben in deinen Sand' wird neue Kreativität wie auch deren Vergänglichkeit verheißen. Zugleich kommentiert sich das Gedicht mit dieser teleologischen Erklärung selbst." (MÜLLER, 2000, p. 56)

Seguindo a leitura do poema, a relação com a arte permanece. O povo não apenas escreve como canta (verso 28). Mas o canto não é um salmo, é a palavra *vollbracht* [consumado] (verso 27). O termo leva o leitor às últimas palavras de Cristo: "Está consumado" ou "Es ist vollbracht" em alemão (Jo 19:30), proferidas na cruz como afirmação do cumprimento de sua missão e sacrifício. *Vollbracht* [consumado] é chamada aqui de *Feierabendwort*, neologismo que significa algo como "palavra do final do expediente", "palavra para o final do trabalho". O povo canta essa palavra; o mesmo povo que volta com lágrimas dos cantos do mundo. Porém permanece em aberto qual obra teria sido terminada e se "consumado" se referiria a um sacrifício como o de Cristo.

Tratar de um retorno a Israel em 1949 referenciando-se a um sacrifício pode levar o leitor à Shoah ou mesmo ao popular termo "Holocausto", palavra grega que significa "sacrifício em que a vítima é completamente queimada" (HOLOCAUSTO, 2006) e foi usada na tradução grega da Bíblia para se referir a um tipo específico de sacrifício no qual a oferta é totalmente queimada para Deus. "Holocausto" confere ao acontecimento uma dimensão mística e religiosa e é possivelmente o termo mais conhecido e usado em português para se referir ao extermínio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. O mesmo ocorre na historiografia americana. O termo foi popularizado por Elie Wiesel, autor judeu sobrevivente de um campo de concentração, e também pela minissérie "Holocausto", produzida nos Estados Unidos e lançada em 1979. Shoah é o termo hebraico para "calamidade" ou "devastação" que também aparece no texto bíblico em Sofonias 1:15[28] e Jó 30:3[29]. Embora não tenha a conotação de sacrifício, Shoah surge em Sofonias no contexto do juízo divino sobre o mundo, o que não isenta o termo de nuances problemáticas.

No poema, no verso 27, o termo "consumado" parece sugerir que o sacrifício referenciado aqui é o dos judeus mortos nos campos de extermínio, o que seria também a obra finalizada para que o povo pudesse retornar a Israel. A relação entre a Shoah e a formação do Estado de Israel é complexa e, embora não se trate de uma relação causal, segundo Edelheit a Shoah atuou como um catalisador para a ascensão do Estado de Israel[30] (cf. EDELHEIT, 2000). Houve

[28] "Aquele dia é dia de indignação, dia de angústia e dia de alvoroço (Shoah) e desolação, dia de escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas." (Sf 1:15, ARA)

[29] "De míngua e fome se debilitaram; roem os lugares secos, desde muito em ruínas (meshoah) e desolados." (Jó 30:3, ARA)

[30] "A perseguição dos judeus europeus agiu como catalisador para o que culminou na emergência judaica da impotência. O papel do Holocausto nesse aspecto se manifestou de três formas: primeiro, no aumento da taxa aliá depois de 1933; segundo, transformando percepções sionistas dos objetivos de longo e curto prazo, levando-os a abandonar a o gradualismo e aceitar a premissa de que o sionismo significava um estado judeu agora; e, finalmente, transformando o sionismo de uma parte relativamente pequena do aparato comunitário judaico no epicentro da política e diplomacia judaicas." (EDELHEIT, 2000, p. 100)

também leituras religiosas feitas sobre o extermínio dos judeus, que enxergavam no ocorrido um "mal necessário" para se alcançar uma nação judaica. Um exemplo seria a ideia do pastor e teólogo protestante Arthur Roy Eckardt que compara o Holocausto e a formação do Estado de Israel à crucificação e à ressurreição: "a igreja que colaborou com a solução final nazista' sofreu golpes mortais. A partir dessa crucificação judaica e da autocrucificação cristã, poderia haver, e de fato houve, uma ressurreição judaica - o Estado de Israel - mas não uma ressurreição cristã. Pois a igreja não tem para onde ir agora"[31] (ECKARDT apud ECKARDT, 1974, p. 455). Cohn-Sherbok, rabino e teólogo, investiga as diferentes reações da fé judaica à Shoah e apresenta a visão de Emil Fackenheim, filósofo e rabino, que enxergava na formação de um Estado judeu uma forma de ruptura e resistência na realidade pós Shoah: "Um dos atos judeus mais significativos de *tikkun* [ruptura] no mundo pós Holocausto foi a decisão dos sobreviventes do período nazista de tornar Israel sua pátria. Embora Israel esteja continuamente em perigo, a fundação de um Estado judeu representa uma tentativa monumental de superar o Holocausto."[32] (COHN-SHERBOK, 1990, p. 288)

No poema, Sachs parece questionar tais interpretações. O uso do termo ligado à crucificação, "consumado", precedido por uma imagem do povo que retorna para Israel em sofrimento (verweint) no verso 25 e sucedido por uma colheita, que na estrofe anterior era a colheita da morte, sugere que a obra necessária para o retorno dos judeus está terminada. Uma obra que envolve sofrimento e morte. Ao mesmo tempo, no verso 28 o pronome *sein* indica que a colheita é a colheita do povo. Há uma inversão: não é mais a morte que colhe seus frutos, mas o povo. Sachs inverte o sentido anteriormente negativo e deixa ao leitor uma imagem ambígua quanto à colheita e à obra que estaria terminada.

Para Sachs a colheita faz parte de uma série de elementos que compõem, mas não são capazes de encerrar Israel em uma definição limitante. A carta de Sachs a Berendson, já citada

Original: "The persecution of European Jewry acted as a catalyst for what amounted to a Jewish emergence from powerlessness. The Holocaust's role in this respect manifested itself in three ways: first, in the increasing rate of aliya after 1933; second, in transforming Zionist perceptions of long- and short-range goals, leading them to abandon gradualism and to accept the premise that Zionism meant a Jewish state now; and, finally, in transforming Zionism from a relatively small part of the Jewish communal apparatus into the epicenter of Jewish politics and diplomacy." (EDELHEIT, 2000, p. 100)

[31] Original: "the church that collaborated in the Nazi final solution' dealt itself mortal blows. From that Jewish crucifixion and Christian self-crucifixion there could and did come a Jewish resurrection—the State of Israel—but not a Christian resurrection. For the church has nowhere to go now." (ECKARDT apud ECKARDT, 1974, p. 455)

[32] Original: "Among the most significant Jewish acts of *tikkun* [rupture] in the post-Holocaust world was the decision of the survivors of the Nazi period to make their homeland in Israel. Though Israel is continually endangered, the founding of a Jewish state representes a monumental attempt to overcome the Holocaust." (COHN-SHERBOK, 1990, p. 288).

anteriormente, oferece mais uma vez uma pista sobre a opinião de Sachs a respeito do Estado de Israel:

> Assim como senhor, Professor, eu espero com todas as fibras do meu coração que as multidões de desabrigados/apátridas finalmente encontrem seu 'lar'! Mas então - talvez uma vez no poema 'Terra de Israel, sua vastidão, uma vez medida, por seus santos que transcendem o horizonte...' consegui dizer melhor do que nos últimos o que quero dizer - isto é, que esta terra significa muito mais ou significa algo diferente do que estado e colheita, guerra e paz, ciência e arte, plantada neste solo, e seu povo não é apenas um povo como outros povos. (SACHS, 1984, p. 92)[33]

Há esperança na formação do Estado de Israel, mas há também uma preocupação com a restrição de Israel a sua dimensão espacial e política. É interessante observar que Sachs usa uma palavra ligada à colheita: "plantado". Estado e colheita, guerra e paz, arte e ciência estão "plantados" no solo de Israel, mas não são suficientes para encerrar Israel, que transborda não só suas fronteiras geográficas, como também as fronteiras de definição.

Desde os primeiros versos "Land Israel" [Terra de Israel] apresenta imagens relacionadas ao campo e ao longo do poema vão se somando outras imagens desse mesmo campo semântico: "montanhas", "arbustos", "vales", "camponês", "arados", "jardim", "carro de colheita", "colheita", "colheita". Sachs parece, por meio dessas imagens, aludir também ao papel da agricultura e da relação com o campo, que foram fundamentais para a formação do Estado de Israel e bastante significativos dentro do movimento sionista:

> A agricultura foi parte integral da realização do projeto sionista desde sua origem. Os colonos eram liderados por um espírito pioneiro e um ethos de volta à terra, que tinha como objetivo unir o povo à terra. Essa visão agrária tinha duas vertentes – conquistar a terra a partir de sua transformação e redenção e criar simultaneamente o novo homem judeu. 'No exílio, segundo a estória, o povo judeu foi separado da natureza, proibido de trabalhar no solo e forçado a se tornar urbano. O povo judeu voltará para a terra e será reconstruído pela terra. Em seu retorno, judeus voltarão a cuidar da terra e tirarão força de seu enraizamento biológico renovado.' (SCHOENFELD, 2004, p. 6) O objetivo central do Sionismo era criar uma presença judaica geográfica em Israel/Palestina. O assentamento agrícola coletivo da terra era visto como parte integral desse processo por conta de seu papel na dispersão da população, mantendo áreas periféricas e nutrindo o laço entre os judeus e sua terra natal. Outro objetivo importante da agricultura era a autossuficiência,

[33] Original: "Mit Ihnen hoffe ich, Herr Professor, mit allen Fasern meines Herzens, daß die Scharen der Heimatlosen endlich ihr 'zu Hause' erhalten! Aber dann - vielleicht ist es mir einmal in dem Gedicht 'Land Israel, deine Weite, ausgemessen einst, von deinen den Horizont übersteigenden Heiligen… 'besser gelungen als in den letzten zu sagen, was ich meine - nämlich, daß dieses Land weit mehr bedeutet oder anderes bedeutet noch wie Staat und Ernte, Krieg und Frieden, Wissenschaft und Kunst, gepflanzt in diesen Boden, und seine Menschen nicht nur ein Volk wie andere Völker sind." (SACHS, 1984, p. 92)

> tendo em vista a incapacidade de Israel negociar com seus vizinhos.[34] (TEMPER, 2009, p. 86s.)

O foco na agricultura garantiria a permanência da população em Israel, seu enraizamento mesmo em áreas mais afastadas, além de assegurar autossuficiência. Em termos religiosos a relação com a produção rural é do mesmo modo fundamental, pois o calendário litúrgico se relaciona intrinsicamente com o período de colheita, além de haver também leis dadas por Deus com relação ao cultivo da terra.

Ao final do poema, uma personagem associada ao contexto do campo e da colheita (também em termos litúrgicos) é citada: Rute.

> steht vielleicht schon eine neue Ruth
> in Armut ihre Lese haltend
> am Scheidewege ihrer Wanderschaft
> (SACHS, 1988, p.126)
>
> está talvez uma nova Rute
> na pobreza segurando sua colheita
> na encruzilhada de sua peregrinação

O livro de Rute é lido em sinagogas tradicionalmente durante a festa de Shavuot (Festa da Colheita). Sua história ocorre no campo e a colheita ocupa papel importante na narrativa: é na plantação que Rute conhece e recebe o favor de Boaz (Rt 2 e 3). A imagem da colheita é evocada também por Sachs no verso 30 (Lese). Rajak apresenta em seu "The Jewish Diaspora" [A Diáspora Judaica] os elementos que caracterizariam os judeus em exílio no período helenístico-romano, segundo escritos da época. A autora cita, além das práticas centrais ordenadas pela Torá como a circuncisão e o Shabat, as festas ligadas à agricultura: "As três festas de agricultura e peregrinação (Páscoa, Sukkoth – Tabernáculos, e Shavuot – a Festa das

[34] Orinigal: "Agriculture was integral to the realization of the Zionist project since its inception. The settlers were led by a pioneering spirit and a back to the earth ethos, which aimed to wed the people to the land. This agrarian vision had two branches –conquering the land through its transformation and redemption, and simultaneously the creation of a new Jewish man. «In exile, the story goes, the Jewish people have been separated from nature, forbidden to work the soil and forced to be urban. The Jewish people will go back to the land, and the will be rebuilt by the land. In their return Jews will again tend to the earth and draw strength from their renewed biological rootedness» (Schoenfeld, 2004: 6). The central goal of Zionism was to create a geographical Jewish presence in Israel/Palestine. Collective agricultural settlement of the land was seen as an integral part of this process due to its role in population dispersal, securing peripheral areas and nurturing a bond between the Jews and their homeland. The other important goal for agriculture was self-sufficiency, in light of Israel's inability to trade with her neighbors." (TEMPER, 2009, p. 86s.)

Semanas) expressavam a conexão entre os judeus da diáspora com a terra e reiteravam o significado do templo." (RAJAK, 2008. p. 58)[35]

Lese, porém, não significa apenas colheita como também seleção de obras poéticas (cf. LESE, 2022). A personagem bíblica é pobre, vai para Israel com a sogra como viúva sem filhos e é peregrina. Estabelece-se uma oposição da peregrina, Rute, com o "dein Volk" [teu povo] que aparece nas duas estrofes anteriores, de modo que Israel se compõe de seu povo, o povo judeu, e daqueles que estão em peregrinação. Há também uma outra oposição da figura com a de um agricultor, por exemplo, que precisa se fixar na terra para plantar e colher. A nova Rute ao final do poema, porém, segura não só sua colheita como sua poesia. Sua colheita é a própria poesia. O que a une a Israel é a colheita e a poesia, que se unificam no termo *Lese*. A relação entre exílio e escrita não é estranha à cultura judaica, como já discutido anteriormente. A imagem de Rute carregando sua *Lese* condensa o que caracteriza Israel em seu exílio e a une a ele, ainda que em peregrinação.

É importante destacar que Rute é uma personagem não só estrangeira, como moabita, pertencente a um povo que nas Escrituras é apresentado como inimigo do povo de Israel. Encerrando o poema com essa figura, Sachs traz a questão dos estrangeiros em Israel. Tendo agora um Estado, como Israel tratará os estrangeiros? (cf. BEIL, 1994, p. 183). No relato bíblico Rute passa a pertencer a esse povo e se torna avó de Davi, "um pai dos poetas" (cf. SACHS, 1988, p. 104).

Chama a atenção que não apenas a personagem escolhida para encerrar um poema intitulado "Terra de Israel" é uma estrangeira, mas que o texto termine com "peregrinação" (v. 31). A figura não termina em casa, na terra de Israel, mas em uma encruzilhada em sua peregrinação, frente a uma escolha. No poema, tudo que Rute tem em mãos em sua peregrinação é a poesia, o que a uniria à Israel, de acordo com Hoyer:

> A nação de Israel é fundamentalmente ligada a e criada por textos escritos e falados […] A falta de uma terra natal física juntamente com uma forte história cultural e textual de questionamento e diálogo sobre ritual, história e significado, faz com que a necessidade de perguntar e discutir constantemente o que é Israel seja a força, ou o poder, nas palavras de Boyarins, da diáspora.[36] (HOYER, 2014, p. 102)

[35] "The three agricultural and pilgrim festivals (Passover, Sukkoth – Tabernacles, and Shavuot – the Feast of Weeks) expressed the connection of diaspora Jews with the land and asserted the significance of the temple." (RAJAK, 2008, p. 58).

[36] Original: The nation of Israel is fundamentally tied to, and created by, texts both read and spoken. [...] The lack of a physical homeland coupled with a strong cultural and textual history of questioning of and dialogue about ritual, history, and meaning make the necessity of constantly asking and discussing what Israel is the strength, or power in the Boyarins words, of diaspora. (HOYER, 2014, p. 102)

Os versos que trazem Rute são compostos por uma oração principal, *Hauptsatz* em alemão, que completa as frases relativas citadas anteriormente. O complemento de "Land Israel, wo..." [Terra de Israel, onde...] é "steht vielleicht schon eine neue Ruth..." [está talvez uma nova Rute...], uma nova peregrina, assim como os judeus. "Land Israel" [Terra de Israel] é um poema que sintetiza a maneira como Sachs enxerga o retorno do povo de Israel à Palestina: uma tarefa de dimensão religiosa (cf. DINESEN, 1994, p. 324) que busca recuperar uma relação com Deus sem se esquecer, porém, de sua natureza errante, pois uma nova Rute procura abrigo em meio do povo peregrino.

> O poema é característico do posicionamento de Nelly Sachs em relação aos eventos políticos. Ela vê o retorno do povo judeu à terra dos pais como uma tarefa de dimensão religiosa. O povo voltou para escrever novos salmos em sucessão a David, para retomar a vida com Deus. No final do poema do povo testado, dos remanescentes do povo queimado, do povo que era estrangeiro entre as nações, ele se lembra de Rute, a mulher estrangeira que encontrou acolhimento em Israel. (DINESEN, 1994, p. 324)[37]

Israel excede suas fronteiras geopolíticas e é medido por seu contato com o divino e por suas palavras, sua poesia. As palavras, o texto se relacionam profundamente com o exílio, pois apesar de ser terra e país, Israel permanece ao final marcado por sua peregrinação, pela presença do estrangeiro e peregrino que carrega em suas mãos apenas sua colheita e sua poesia. É nas palavras, assim como em sua constante peregrinação e sua missão, que a Terra de Israel se define. Nos últimos versos retorna a tensão entre constância e impermanência, pois como abordado anteriormente, a agricultura é dentro do movimento sionista uma importante ferramenta para garantir a permanência da população em Israel, seu fincar-se na terra. Na nova Rute que segura a colheita em mãos no meio da sua peregrinação, os dois polos se encontram. Embora seja Terra e País [Land], Israel concentra em si o contraste de ser Terra, mas também ser peregrino e estrangeiro.

Referências Bibliográficas

[37] Original: "Das Gedicht ist charakteristisch für Nelly Sachs' Haltung zu politischen Begebenheiten. Sie sieht die Rückkehr des jüdischen Volkes in das Land der Väter als eine Aufgabe von religiöser Dimension. Das Volk ist zurückgekehrt, um in Davids Nachfolge neue Psalmen zu schreiben, um das Leben mit Gott wiederzuerlangen. Am Ende des Gedichtes vom geprüften Volk, von den Resten des verbrannten Volkes, den Menschen, die fremd unter den Völkern waren, erinnert sie an Ruth, die fremde Frau, die Aufnahme in Israel fand." (DINESEN, 1994, p. 324)

BACH, Inka e GALLE, Helmut. *Deutsche Psalmendichtung vom 16. bis zum 20. Jahrhundert*. Berlim, Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1989.

BAHR, Ehrhard. "III Motive und Themen" in: *Nelly Sachs (Autorenbücher)*. Munique: Verlag C.H. Beck, 1980, p. 67-121.

BEIL, Claudia. *Sprache als Heimat. Jüdische Tradition und Exilerfahrung in der Lyrik von Nelly Sachs und Rose Ausländer*. Munique: Tuduv-Verlaggesellschft, 1991.

Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil (ARA). 2ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Bíblia Sagrada. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida (ARC). Disponível em: <https://www.bible.com/de/bible/212/GEN.1.ARC>. Acesso em: 03/09/2024.

BÍBLIA KING JAMES ATUALIZADA. Trad. Comitê Internacional de Tradução da Sociedade Bíblica Ibero-mericana e Abba Press Brasil. São Paulo: Abba Press, 2012. Disponível em: <https://bibliaportugues.com/kja/exodus/19.htm>. Acesso em: 03/09/2024.

BUBER, Martin. ROSENZWEIG, Franz. *Die Schrift*, Deutsche Bibelgesellschaft, 1929. Disponível em: <https://bibel.github.io/BuberRosenzweig/index.html>. Acesso em: 03/09/2024.

COHN-SHERBOCK, Dan. "Jewish Faith and the Holocaust" In: Jewish Faith and the Holocaust. Religious Studies, 26, 1993, p. 277-293.

DIE BIBEL. EINHEITSÜBERSETZUNG DER HEILIGEN SCHRIFT. Deutsche Bischofskonferenz, Österreichische Bischofskonferenz, Schweizer Bischofskonferenz, edição revista. Stuttgart: Katholische Bibelanstalt, 2016.

DINESEN, Ruth. *Nelly Sachs. Eine Biographie*. Trad. Gerecke, Gabriele. Frankfurt a. M., Suhrkamp 1994. (Nelly Sachs. En biografi. 1991)

ECKARDT, Alice. “The Holocaust: Christian and Jewish Responses” In: Journal of the American Academy of Religion Vol. 42, No. 3, Set., 1974, p. 453-469. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1461965>. Acesso em: 03/09/2024.

EDELHEIT, Abraham J. “The Holocaust and the rise of Israel: a reassessment reassessed.” In: Jewish Political Studies Review, Vol. 12, No. 1/2, 2000, p. 97-112. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25834471>. Acesso em: 03/09/2024.

ELBERFELDER BIBEL 1905. Trad. BROCKHAUS, C., DARBY, J. N., POSECK, J. A. Elberfeld: R. Brockhaus. Disponível em: <https://biblia.com/books/elberfelder1905/Ge>. Acesso em: 03/09/2024.

FENNER, Anna Magdalena. *Trauer in der deutschen Nachkriegslyrik. Zur Emotionsgestaltung bei Günter Eich, Marie Luise Kaschnitz und Nelly Sachs.* Dissertation. Göttingen: 2015. Disponível em: <https://ediss.uni-goettingen.de/handle/11858/00-1735-0000-0022-5F8C-D>. Acesso em: 03/09/2024.

GELBER, Mark H. “Nelly Sachs und das Land Israel” in *Nelly Sachs neue Interpretationen – mit Briefen und Erläuterungen der Autorin zu ihren Gedichten im Anhang.* Tübingen: Stauffenburg Verlag Brigitte Narr GmbH. P. 169-178.

HERCENBERG, Bernard Dov. *O Exílio e o poder de Israel e do Mundo.* São Paulo: Paz Terra, 1995.

HOLOCAUST in: *Deutsche Welle*, 2006.Disponível em: <https://p.dw.com/p/7rYM>. Acesso em: 03/09/2024.

HOYER, Jeniffer. *The Space of Words: Exile and Diaspora in the Works of Nelly Sachs.* Nova Iorque: CamdenHouse, 2014.

KILCHER, Andreas B. “Diasporakonzepte”. In: HORCH, Hans Otto. *Handbuch der deutsch-jüdischen Literatur.* Berlim: De Gruyter, 2016, p. 135-150.

LAGERKRANTZ, Olof Gustaf Hugo. *Versuch über die Lyrik der Nelly Sachs*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1967.

LAND in: *DUDEN,* Cornelsen Verlag GmbH, 2024. Disponível em: <https://www.duden.de/rechtschreibung/Land>. Acesso em: 03/09/2024.

LESE in: *DUDEN,* Cornelsen Verlag GmbH. 2024. Disponível em: <https://www.duden.de/rechtschreibung/Lese>. Acesso em: 03/09/2024.

LUTHERBIBEL 1912. Trad. Martin Luther. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, edição digital 1999, 2018. Disponível em: <https://www.die-bibel.de/bibeln/online-bibeln/bibliothek/LU12>. Acesso em: 03/09/2024.

MÜLLER, Heidy Margrit. 'Die Psalmen Davids neu zu schreiben in deinen Sand'. Gedichte über das 'Volk Israel' von Else Lasker-Schüler, Gertrud Kolmar und Nelly Sachs" in: O'DOCHARTAIGH, Pól (org.). *Jews in German Literature since 1945: German-Jewish Literature?* Amsterdã, Atlanta: Rodopi, 2000, p. 45-60.

RAJAK, Tessa. "The Jewish Diaspora" In MITCHEL, M. E YOUNG, F. (Eds.), *The Cambridge History of Christianity.* Cambridge: Cambridge University Press, p. 53-68.

SACHS, Nelly. *Briefe der Nelly Sachs*. Organizado por Ruth Dinesen e Helmut Müssener. Frankfurt am Main: Suhrkamp , 1984.

_____. *Fahrt* ins Staublose. Die Gedichte der Nelly Sachs. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.

SHAPIRA, Anita. *Israel uma história*. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

TEMPER, Leah. Creating Facts on the Ground: Agriculture in Israel and Palestine (1882-2000) In: Historia Agraria, 48, Agosto 2009, p. 75-110.

VERWEINEN in: *DUDEN,* Cornelsen Verlag GmbH, 2024. Disponível em: <https://www.duden.de/rechtschreibung/verweinen>. Acesso em: 03/09/2024.